

III SEMANA DO CONHECIMENTO

Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:

Resumo

Relato de Caso

OS BENEFÍCIOS DA DANÇA NA VIDA DO DEFICIENTE VISUAL

AUTOR PRINCIPAL: Dilamar da Rosa

CO-AUTORES: Natiele Paula Carboni

ORIENTADOR: Lorita Maria Weschenfelder

UNIVERSIDADE: Universidade de Passo Fundo

INTRODUÇÃO:

Em convênio com a Associação Passofundense de Cegos a Universidade de Passo Fundo, promove programas para atender seus associados, visando à inclusão social, o acesso à informação e a integração de forma autônoma, independente e saudável. Este relato de caso socializa o processo vivenciado no projeto de extensão "Polo Regional de Desenvolvimento de Esporte e Lazer", com os bolsistas PAIDEX do curso de Educação Física e os associados da APACE.

Para entender esta experiência é preciso pensar a dança no momento em que ela acontece, pois Llinás (2002) assegura que o pensamento é a interiorização evolutiva do movimento. Para Katz (2005), a dança é uma forma de pensar. Sendo a dança movimento, estas ideias se complementam.

Tem como objetivos possibilitar aos deficientes visuais o contato com a dança como uma forma de ajudá-los a sentir, perceber, conhecer e aprender. Vivenciando a dança, eles têm a possibilidade de utilizar suas capacidades, descobrir suas habilidades e potencialidades.

DESENVOLVIMENTO:

Pensando na região em que vivemos surgiu a ideia de criar um grupo de danças da APACE. Um grupo folclórico onde pode se abranger diversos ritmos em que os alunos tenham a oportunidade de vivenciar múltiplas experiências da cultura rio-grandense, enriquecer seu repertório motor de dança entre outras possibilidades que esta atividade proporciona. A deficiência visual é um tipo de deficiência sensorial e, portanto, sua característica mais central é a carência ou o comprometimento de um

III SEMANA DO CONHECIMENTO

31 DE OUTUBRO
2016

dos canais sensoriais de aquisição de informação, neste caso o visual. [...] sob a denominação geral de cegueira ou deficiência visual, são englobados um grande número de distúrbios visuais de características e etiologias muito diversas. (OCHAITA; ROSA, 1995, p. 183). A grande maioria dos deficientes visuais acaba por ter seus movimentos limitados devido à deficiência, pois não se sentem seguros aos movimentos do corpo e também no próprio deslocamento nos espaços em que vive. Com relação a este aspecto, Freitas e Cidade (1997) ressaltam que os deficientes visuais apresentam algumas defasagens, problemas de equilíbrio, sua locomoção depende de um acompanhante, expressão corporal e facial escassas, problemas com coordenação motora, não apresentam lateralidade e direções estabelecidas, apresentam problemas posturais e uma falta de iniciativa para ações motoras. (FREITAS E CIDADE, 1997, p.3).

Partindo deste pressuposto utilizamos meios didáticos e pedagógicos que fazem com que os alunos entendam os passos pelas repetições assimilando os movimentos. As atividades ocorrem de maneira descritiva, tátil e demonstrativa, onde se busca a melhor forma de entendimento pelos alunos. São realizados exercícios de aquecimento, alongamento, coordenação motora, mobilidade, e danças regionais, todas adaptadas ao contexto. O tempo de aula é de uma hora e trinta minutos, sendo que os primeiros momentos são de orientação espacial, assim os alunos reconhecem o espaço onde estão e podem executar os comandos com segurança. Estamos comprovando que o conhecimento do próprio corpo está intimamente vinculado ao desenvolvimento geral do ser humano e que a atividade como a dança cumpre função importante enquanto elemento facilitador no caminhar do deficiente visual rumo à sua emancipação social. Percebem-se benefícios obtidos pela prática desta atividade e no processo é perceptível superações, tomadas de decisões, carências que vão sendo detectadas e compreendidas. Podemos dizer que a relação existente entre a deficiência visual, e a dança é justamente a evolução constante, enfocando aspectos como autoconfiança, sentido de cooperação, prazer de poder fazer e as interfaces das valências afetivas com o cotidiano na família, na escola e na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Com estas vivências estamos aprendendo coletivamente no cotidiano que o deficiente visual tem condições de realizar atividades físicas e de lazer como a dança bastando pequenas adaptações nos locais onde são realizadas. Atuar no universo da deficiência visual é desafiador, mas que com esforço e dedicação é possível proporcionar tais atividades aos deficientes visuais.

REFERÊNCIAS:

KATZ, H. T. Um, dois, três. A dança é o pensamento do corpo. Belo Horizonte: FID, 2005.

LLINÁS, R. R. El cérebro y el mito del yo: el papel de las neuronas en el pensamiento y el comportamiento humanos. Trad. Eugenia Guzmán. 3ª reimpressão. Bogotá: Editorial Norma, 2002.

FREITAS, Patrícia Silvestre de CIDADE, Ruth Eugênia Amarante. Noções sobre

III SEMANA DO CONTECIMENTO

Educação Física e esporte para pessoas portadoras de deficiência: uma abordagem para professores de 1º e 2º grau. Uberlândia: Gráfico Breda, 1997. 86p.

OCHAITA, E.; ROSA, A. Percepção, ação e conhecimento nas crianças cegas. In:

COLL, C.; PALACIOS, J; MARCHESI, A. (Org.). Desenvolvimento psicológico e

Educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar. Porto Alegre:

Artes Médicas, 199

3 a 7 DE OUTUBRO
DE 2016

NÚMERO DA APROVAÇÃO CEP OU CEUA (para trabalhos de pesquisa): Número da aprovação.

ANEXOS:

Poderá ser apresentada somente uma página com anexos (figuras e/ou tabelas), se necessário.